

SOBRE BAÚS, ARMÁRIOS E CABIDEIROS: TRILHANDO CAMINHOS ENTRE A PRÉ-MODERNIDADE, MODERNIDADE SÓLIDA E MODERNIDADE LÍQUIDA

*About chests, cabinets and racks: treading paths between
pre-modernity, solid modernity and liquid modernity*

*Acerca de baúles, armarios y percheros: recorriendo caminos
entre la premodernidad, modernidad sólida y modernidad líquida*

JOÃO PAULO BALISCEI

Universidade Estadual de Maringá

vjbaliste@gmail.com

TERESA KAZUKO TERUYA

Universidade Estadual de Maringá

tkteruya@gmail.com

VINÍCIUS STEIN

Universidade Estadual de Maringá

vsteiin@gmail.com

RESUMO Neste artigo, nosso objetivo é apresentar e discutir acerca dos atributos da pré-modernidade, da modernidade sólida e da modernidade líquida, assim como ressaltar as características identitárias dos sujeitos que nelas viveram/vivem. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir das reflexões de Bauman (2007; 2010; 2013a; 2013b), Corazza (2007), Gatti (1999; 2005) Giroux (1995; 2001; 2012), Hall (1997; 2003; 2006; 2012), Kellner (2001; 2012) e Silva (2006; 2012) que debatem sobre a contemporaneidade, relacionando-a com momentos vividos. Nossas considerações são as de que a pré-modernidade, a modernidade sólida e a modernidade líquida apresentam concepções distintas da identidade. Concepções essas que não são inalteráveis e naturais, mas sim resultados da criação social e legitimadas por meio de ações e contextos culturais. Especialmente na

modernidade líquida, identidade e diferença são dependentes uma da outra, ambas não são espontâneas, não são elementos que sempre existiram e que por isso precisam ser tolerados e repetidos – ao contrário, são resultados da criação social que podem ser debatidos.

PALAVRAS-CHAVE: ESTUDOS CULTURAIS; IDENTIDADE; DIFERENÇA; PÓS-MODERNIDADE; CONTEMPORANEIDADE.

ABSTRACT In this article, we aim to present and discuss about the attributes of pre-modernity, solid modernity and liquid modernity, as well as highlight the identity characteristics of the subjects who live/lived in them. Therefore, we conducted a literature search from the reflections of Bauman (2007; 2010; 2013th; 2013b) Corazza (2007), Gatti (1999; 2005) Giroux (1995; 2001; 2012), Hall (1997; 2003; 2006 ; 2012), Kellner (2001; 2012) and Silva (2006; 2012) where they discuss on the contemporary, relating it with moments lived. Our considerations are that the pre-modernity, solid modernity and liquid modernity have different conceptions of identity. Views which are not unalterable and natural, but are results of social creation and legitimated through actions and cultural contexts. Especially in liquid modernity, identity and difference are dependent on each other, both are not spontaneous, are not elements that have always existed and therefore need to be tolerated and repeated - on the contrary, are the result of social creation that can be debated.

KEYWORDS: CULTURAL STUDIES; IDENTITY; DIFFERENCE; POSTMODERNITY; CONTEMPORANEITY.

RESUMEN En este artículo, nuestro objetivo es presentar y discutir acerca de los atributos de la premodernidad, la modernidad sólida y de la modernidad líquida, así como poner de relieve las características de identidad de los sujetos en ellos vivían/viven. Por lo tanto, realizamos una búsqueda en la literatura de las reflexiones de Bauman (2007; 2010; 2013th; 2013b) Corazza (2007), Gatti (1999; 2005) Giroux (1995; 2001; 2012), Hall (1997; 2003; 2006 ; 2012), Kellner (2001; 2012) y Silva (2006; 2012) que debaten sobre la contemporaneidad, relacionándola con momentos vividos. Nuestras consideraciones son que la premodernidad, la modernidad sólida y la modernidad líquida tienen diferentes concepciones de identidad. Vistas que no son inalterables y naturales, pero los resultados de creación social y legitimadas a través de acciones y contextos culturales. Especialmente en la modernidad líquida, la identidad y la diferencia son dependientes una de otra, ambas no son espontáneas, no son elementos que siempre han existido y por lo tanto necesitan ser tolerados y repetidos - por el contrario, son el resultado de la creación social que puede ser objeto de debate.

PALABRAS CLAVE: ESTUDIOS CULTURALES; LA IDENTIDAD; DIFERENCIA; LA POSTMODERNIDAD; CONTEMPORANEIDAD.

DO SÓLIDO AO LÍQUIDO: ASPECTOS GERAIS

Discutir a contemporaneidade exige que abordemos aspectos característicos dos indivíduos contemporâneos, como a flexibilidade, a superficialidade das relações, com pouco envolvimento e constituídas como laços frouxos, a descartabilidade de objetos que se tornam

obsoletos momentos posteriores à sua aquisição, o consumismo exacerbado, o contato rápido, fácil e raso com a multiplicidade de informações produzidas e circuladas pelos meios de comunicações e, sobretudo, a maneira como os aspectos culturais perpassam e estruturam as transformações sociais. Hall (1997) utiliza a expressão “centralidade da cultura” para fazer referência às maneiras como, na contemporaneidade, a cultura atua como mediadora das relações dos indivíduos entre si, e destes com o espaço e meio que ocupam. Como ressalta o autor, a cultura, em sua multiplicidade, está presente no pensamento dos indivíduos, nas roupas que usam, nos pares que elegem, nos lugares que frequentam, nas páginas da *web* que acessam, nos esportes que praticam, nas músicas que ouvem e, por isso, exercem ações prescritivas e proscritivas, sugerindo comportamentos e ações para que sejamos aceitos socialmente.

Tais características contribuem para que enxerguemos a atual organização social como inédita, uma vez que diverge dos valores, costumes e práticas de sociedades de outrora, em especial, no que tange às relações que os indivíduos estabelecem com e por meio da cultura (HALL, 1997). Conforme analisa Hernández (2000), em apenas uma edição de jornal de domingo, os sujeitos contemporâneos têm acesso a mais informações e conhecimentos do que um homem ou uma mulher que viveu no século XVII. Espalhadas pelo cotidiano, nos *outdoors*, nas revistas, estáticas em estampas de camisetas ou em movimentos, somadas ao som, como na televisão e no cinema, as imagens são exemplos de artefatos culturais que produzem e fazem proliferar informações a partir das quais organizamos as nossas preferências, como destacam Souza, Baliscei e Teruya (2015), quando analisam imagens de manequins de um *shopping center*.

Bauman (2007) argumenta que o consumo de e por imagens é uma das práticas que caracterizam o momento que ele denomina como Modernidade Líquida. Pré-modernidade, modernidade líquida e modernidade sólida são conceitos cunhados por Bauman (2007; 2010; 2013a; 2013b) para demarcar fronteiras e aproximações entre determinados períodos históricos e sociais. Quais as particularidades desses momentos? Quais são os aspectos em destaque nas práticas e organizações culturais dos indivíduos pré-modernos, sólido-modernos e líquido-modernos? Como são as concepções de identidades em vigor nestes períodos? Neste artigo, o nosso objetivo é apresentar e discutir os atributos da pré-modernidade, da modernidade sólida e da modernidade líquida, assim como ressaltar as características identitárias dos sujeitos que nelas viveram/vivem. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir das reflexões de Bauman (2007; 2010; 2013a; 2013b), Corazza (2007), Gatti (1999; 2005) Giroux (1995; 2001; 2012), Hall (1997; 2003; 2006; 2012), Kellner (2001; 2012) e Silva (2006; 2012), que debatem a contemporaneidade, relacionando-a com momentos vividos. Além disso, incluímos em nossas discussões a série de esculturas *Nomad patterns*, de Livia Marin¹ e a produção *Partida do navio alado*, de Vladimir Kush,² que nos auxiliam na reflexão acerca da modernidade líquida.

¹ Artista chilena, Livia Marin vive e trabalha em Londres e é reconhecida pelos trabalhos em grande escala e pelo uso de artefatos cotidianos, vinculados ao consumo de massa. A série *Nomad patterns* está exposta na Eagle Gallery, London.

² Artista russo, Vladimir Kush desde criança demonstrara interesse pela produção artística. Debruça-se sobre o termo “Surrealismo metafórico” para caracterizar suas obras, haja vista que combinam realismo e ficção, naturalidade e fantasia. A obra *Partida do navio alado* foi produzida por volta do ano 2000, com técnica óleo sobre tela e possui medidas de aproximadamente 99 x 79 cm.

Em comum, pré-modernidade, modernidade sólida e modernidade líquida apresentam o uso da palavra “modernidade” – o que oferece indícios de que não há uma interrupção precisa e definida entre o passado e o presente. Não são períodos isolados cujos contornos são bem demarcados – ao contrário disso, pré-modernidade, modernidade sólida e modernidade líquida sobrepõem-se, coexistem conforme as ações e pensamentos sociais. No período chamado de modernidade sólida, com ascensão entre o século XVI e XX, eram valorizadas relações e sentimentos sólidos, isto é, que iam ao encontro da tradição e da durabilidade, e que almejavam valores como garantia, segurança, carreira, família, compromisso, memória, fidelidade, estabilidade, rotina, planejamento, metas, confiança, resistência e longevidade.

Esse período é caracterizado como,

[...] a era da racionalidade, a qual fundamenta não só o conhecimento científico, como as relações sociais, as relações de trabalho, a vida social, a própria arte, a ética, a moral. Cria, por sua vez, condições de verdade que enclausuram a própria razão e que geram formas de poder e homogeneizam contextos e pessoas, impondo-se como instrumento de controle (GATTI, 2005, p.597).

Destacamos como características da modernidade sólida, além da racionalidade, a homogeneização em prol da ordem e do progresso científico, artístico e filosófico da sociedade. Skliar (2003, p. 46) argumenta que para o pensamento moderno “[...] duas coisas distintas não podem estar ao mesmo tempo no mesmo lugar”. Daí a necessidade e insistência em agrupar os indivíduos semelhantes e destacar aqueles/as que se desviam da ordem, catalogando-os, classificando-os e buscando medidas para “adequá-los”.

É como se, para a modernidade sólida e para os indivíduos que nela vivem, a diferença fosse uma ameaça à harmonia, ao equilíbrio social e à hegemonia cultural. Momo (2015) infere que o pensamento sólido-moderno tende a considerar a produção como única categoria pela qual a sociedade possa ser analisada. O modelo de escola sólido-moderno, por exemplo, que ainda persiste na contemporaneidade, “[...] distribuía e ainda distribui os corpos em espaços determinados e fixos, corpos esses que deviam e ainda devem cumprir determinado tempo sob determinadas ordens” (MOMO, 2015, p. 95-96). De maneira semelhante, Santomé (2012) compara a estrutura escolar sólido-moderna, alicerçada na repetição, na ordem, na homogeneização e no consenso, com o funcionamento de uma grande fábrica e às cadeias de montagens.

Assim, os alunos/as se posicionam de forma fixa em sua carteira e diante deles/as vão passando diferentes matérias e professores/as a um determinado ritmo. A única coisa a que os/as estudantes aspiram é acabar o quanto antes seus deveres e desse modo conseguir uma recompensa extrínseca, como uma determinada nota ou determinado conceito (SANTOMÉ, 2012, p.156).

Conforme Gatti (2005), as críticas feitas ao pensamento sólido-moderno, principalmente no que tange à educação escolar, estão relacionadas especialmente à necessidade de que as

diferenças culturais sejam consideradas e, mais do que isso, valorizadas. A autora destaca a recorrência de fracassos das utópicas promessas de salvação e “adequação” que o modelo escolar sólido-moderno emite aos grupos sociais que apresentavam características culturais, étnicas, raciais, linguísticas, sexuais e de gênero diferentes daquelas almejadas pela hegemonia.³

Diferente da modernidade sólida, a modernidade líquida, por sua vez, marca,

[...] a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” – ou seja, para a condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotina, padrões de comportamentos aceitáveis) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las [...] (BAUMAN, 2007, p.7).

Nessa passagem para uma sociedade líquida, planejamentos, compromissos duradouros, juramentos de fidelidade, rotina, planos a longo prazo, certezas absolutas, perpetuação dos elementos e das relações sociais e as demais características que indicam solidez são consideradas como uma ameaça aos indivíduos. Segundo o autor, a irrupção dessas características marca, sobretudo, a segunda metade do século XX e se prolonga, potencializando-se nos dias atuais. Assim como ocorre com os líquidos, os aspectos da contemporaneidade, ou melhor, da modernidade líquida, não conseguem manter a sua estrutura por muito tempo, porque, sendo flexíveis, voláteis, eles escorrem como a água e diluem as suas formas. Como consequência disso “[...] tudo nasce com a marca da morte iminente e emerge da linha de produção com o ‘prazo de validade’ impresso ou presumido” (BAUMAN, 2013b, p. 22).

Podemos evidenciar essa questão com alguns aspectos da moda, por exemplo, que lança peças, cores e padrões como tendências já pensando no seu prazo de validade e em seu envelhecimento, fazendo, em pouco tempo, as peças serem consideradas obsoletas (BAUMAN, 2013a). Outro exemplo é o critério de que, para que as construções de prédios e casas sejam expedidas, devem já apresentar seu alvará de demolição – prática que, nos Estados Unidos, já é bastante comum (BAUMAN, 2010).

Essas características, intensificadas pelas tecnologias da comunicação de massa, sinalizam a passagem de “[...] uma sociedade industrial para uma sociedade da informação” (GATTI, 2005, p. 603), marcada pelo egocentrismo, pelo ecletismo, pelo consumismo e pelos espetáculos. No que tange aos aspectos da educação escolar, há o descomprometimento com a “verdade absoluta” e a ruptura com os cânones epistemológicos e com a uniformidade. Ao contrário de na modernidade sólida, na modernidade líquida evidenciam-se as diferenças, a heterogeneidade e a multiplicidade. É valorizado o conjunto de intervenções pedagógicas e políticas públicas:

[...] que provoque o pensamento, que retire do espaço e do tempo todo saber já

³ Santomé (2012) destaca 11 grupos de vozes ausentes e/ou silenciadas no currículo escolar sólido-modernos. A saber: As culturas das nações do Estado espanhol; as culturas infantis, juvenis e da terceira idade; as etnias minoritárias ou sem poder; o mundo feminino; as sexualidades lésbica e homossexual; a classe trabalhadora e o mundo das pessoas pobres; o mundo rural e o litorâneo; as pessoas com deficiências físicas e/ou psíquicas; e as vozes do Terceiro Mundo.

disponível; que obrigue a recomeçar do zero, que faça da mesmidade um pensamento insuficiente para dizer, sentir, compreender aquilo que tenha acontecido; que emudeça a mesmidade. Que desordene a ordem, a coerência, toda a preensão de significados. Que possibilite a vaguidade, a multiplicação de todas as palavras, a pluralidade de todo o outro. Que desmintam um passado unicamente nostálgico, somente utópico, absurdamente elegíaco (SKLIAR, 2003, p. 46).

Emudecer a mesmice e desmentir um passado nostálgico são ações de contestação que se esquivam do conformismo, da homogeneização e da harmonia almejados por currículos escolares e por intervenções pedagógicas que, ainda hoje, se convergem ao pensamento sólido-moderno. Conforme aponta Bauman (2007), para uma educação escolar coerente com a organização líquido-moderna, professores/as, pedagogos/as e demais agentes educacionais precisam promover ações mixofílicas, isto é, ações que incentivem o contato, a troca, o interesse, o gosto e, sobretudo, o respeito pelo que é culturalmente diferente.

Conforme destaca Hall (1997), por ser/estar onipresente, e ser múltipla, a cultura:

Não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem que ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior (HALL, 1997, p.21).

Em condições líquido-modernas, no espaço escolar, assim como nos demais espaços sociais, os aspectos culturais, em sua multiplicidade, não podem ser reduzidos às matrizes hegemônicas que, semelhante à técnica de gravura, ocasionam impressões estáticas, uniformes, sem variações.

Até aqui apresentamos aspectos gerais sobre as características que aproximam e distanciam modernidade sólida e modernidade líquida. Antes de prosseguirmos em nossa reflexão, faz-se necessário o destaque de dois pontos. O primeiro é que entre os/as autores/as não há consenso em relação às denominações desses períodos. Bauman (2007; 2010; 2013a; 2013b) utiliza modernidade sólida e modernidade líquida. Corazza (2007), Gatti (1999; 2014), Giroux (1995; 2001; 2012), Hall (1997; 2003; 2006; 2012), Kellner (2001; 2012) e Silva (2006; 2012) se referem a esses períodos como modernidade e pós-modernidade. Para se reportarem ao momento anterior da modernidade/modernidade sólida, os/as autores/as utilizam o termo pré-modernidade. Gatti (2005) afirma ser difícil conceituar e trabalhar com os termos “pós-modernidade”, “pós-moderno/a” ou, como no nosso caso, “modernidade líquida”, justamente porque eles tentam caracterizar uma sociedade em processo de construção e por isso enfrentam constantes modificações. O segundo ponto refere-se ao início e término de cada época, pois esses períodos não são definidos e demarcados com certeza – ao contrário, modernidade sólida e modernidade líquida se sobrepõem, confundem-se. Podemos refletir sobre essa intersecção entre modernidade sólida e modernidade líquida a partir da série *Nomad patterns*,⁴ da artista chilena Livia Marin (1973—). A série de 2012 é composta por 32 peças de cerâmica que apresentam características em comum. Entre elas, interessa-nos especialmente uma: as 32 peças aparentam se derreter.

⁴ O título pode ser traduzido como “Padrões nômades”(tradução dos autores e autora).

Como pode ser percebido na Figura 1, as peças são simultaneamente representadas em dois estados físicos: são sólidas e líquidas. São firmes e voláteis ao mesmo tempo, sem maniqueísmos ou dicotomizações. Conforme a mudança gradual do resistente para o fluído, os padrões de flores e os arabescos vão se dissolvendo, expandindo-se conforme a volatilidade do líquido.

Figura 1: *Nomad Patterns* (2012) de Livia Marin.



Fonte: < <http://www.ideafixa.com/ceramica-derretida/>>. Acesso em 16 mar. 2015.

Relacionamos as produções de Livia Marin com os conceitos de Bauman (2007, 2010, 2013a, 2013b) porque, assim como a modernidade sólida e a modernidade líquida, a peça de cerâmica produzida pela artista apresenta-se em um objeto só, porém, com características distintas. Ainda que não se desmembre em duas peças, o bule da Figura 1 dispõe de uma parte rígida, durável – portanto, sólida – e, ao mesmo tempo, uma segunda parte, fluída, derretida e elástica – assim sendo, líquida. Essas características, em nossa análise, aproximam-se respectivamente da modernidade sólida e da modernidade líquida, momentos esses com os quais, a seguir, estabelecemos outras analogias.

MODOS DE SE GUARDAR OU ORGANIZAR AS ROUPAS

Para exemplificar características da pré-modernidade, da modernidade sólida e da modernidade líquida, momentos esses distintos e ao mesmo tempo interligados, propomos compará-los com “modos de se guardar ou organizar as roupas”. Nessa lógica, o primeiro período, a pré-modernidade, seria um baú trancado. A comparação se deve ao fato de que na pré-modernidade, o conhecimento, a arte e a ciência não eram acessíveis a todos/as, viviam “trancados”. Mesmo que se relacionassem entre si, os conhecimentos, a arte e a ciência eram controlados e atendiam aos interesses de poucos/as, especialmente aos daqueles/as que representavam a Igreja Católica. Fazemos essa associação considerando que, quando guardamos as nossas roupas, objetos e pertences em baús trancados, normalmente

o fazemos por termos a intenção de que poucas pessoas – se não uma única pessoa (nós mesmos) – tenham acesso a esses itens.

Camisas, blusas, calças, vestidos, sapatos, perfumes, enfim, todos os objetos que são guardados no baú trancado, ainda que distintos entre si, pertencem a uma única pessoa e, por isso, são restritos a ela. Para abrir esse baú é preciso ter acesso à chave do cadeado, da mesma forma que é importante nos lembrarmos de trancá-lo após fechá-lo. Desse modo, continuará inacessível às camadas populares. As alças nas laterais do baú permitem que ele seja carregado por um grupo restrito de pessoas. Graças ao seu tamanho reduzido, o baú ainda pode ser transportado para porões, torres, lugares distantes e, até mesmo, ser escondido e mantido em segredo para que pouco, ou quase nada saibamos a respeito dele. Assim também acontecia na pré-modernidade, já que apenas uma classe tinha acesso ao conhecimento, enquanto a população em geral vivia sob a imposição dos valores e das vontades da Igreja.

Nessa metáfora, a modernidade sólida, por sua vez, pode ser entendida como um armário grande de madeira bruta, cujo peso e o tamanho dificultam que fiquemos trocando-o de lugar. Ainda que muitas pessoas se juntassem e fizessem força, teriam pouco sucesso ao tentar movimentá-lo. Por isso, é preferível que o mantenhamos sem muitas alterações e em um lugar fixo, determinado. Diferentemente do baú trancado, onde as roupas e pertences dividiam o mesmo espaço restrito, se abrímos esse armário encontraremos os elementos organizados em seções: as meias estão enroladas em pares e guardadas na primeira gaveta, as roupas íntimas na segunda, os lenços na terceira, as peças leves estão dobradas na primeira prateleira e as camisas penduradas no alto, organizadas das cores quentes para as cores frias. Organização, segregação e harmonia são palavras de ordem. As calças estão nos cabides inferiores, os perfumes, cremes e demais cosméticos estão guardados em caixas, cada qual com uma etiqueta com a devida identificação em letras garrafais.

Outra característica que destacamos é que, para a organização desse armário, agiu-se com discernimento e racionalidade. Se algo está ali, é porque tem uma justificativa. “Ora, já que os casacos pesados e os cobertores felpudos são pouco usados, porque deixá-los com as demais peças? Se os vestidos longos amarrotam facilmente, porque guardá-los em gavetas?” Nesse sentido, as peças de uso mais frequente são dispostas na primeira e segunda prateleiras, as mais acessíveis; aquelas peças que usamos em situações atípicas ficam nas prateleiras de cima, cujo alcance não é imediato; aquelas que amarrotam são penduradas em cabides; as que desfiam são protegidas, e assim por diante. Tudo tem seu devido lugar, até porque nesse armário raramente as roupas são descartadas. O zelo e a cautela fazem que as roupas e o próprio armário durem várias estações, que sejam reaproveitadas e passadas de geração para geração. No planejamento e sistematização daquele/a que organizou esse armário, percebemos a preocupação em conservar as roupas, mantendo sua qualidade por anos.

Essa comparação significa que na modernidade sólida tendia-se a valorizar a racionalidade, a ciência e a harmonia em detrimento da diferença e da diversidade. Os conhecimentos eram cada vez mais especializados, como se fossem organizados em caixas, separados dos demais, com fronteiras demarcadas. Na modernidade sólida, buscavam-se explicações

não mais nos argumentos da Igreja ou na religião, mas sim em outro pilar sólido, fixo e inflexível: a ciência (BAUMAN, 2007; 2010; 2013a; 2013b). Os fenômenos, as forças e os sentimentos eram explicados cientificamente e “[...] só desejavam a ordem, [...] teimam em classificar, em produzir mesmices homogêneas, íntegras, sem fissuras [...]” protegidos da possível contaminação daquilo que é considerado “diferente” (SKLIAR, 2003, p. 45).

Por último, pensando em “modos de se guardar ou organizar as roupas”, o terceiro momento, o da modernidade líquida, é representado por um cabideiro onde as roupas são penduradas de modo prático. Não há separações, prateleiras ou diferenciações: calças, camisas, chapéus, moletons, saias e roupas íntimas compartilham o mesmo espaço. Muitas vezes, inclusive, são sobrepostos, amontoados – o que dificulta a distinção das peças. Leve e inovadora, a estrutura do cabideiro permite transportá-lo com rapidez para o lugar que quisermos, conforme nos for conveniente.

Os ganchos e suportes expostos possuem encaixes e assim podem ser trocados, retirados ou acrescentados, disso resultando que raramente o desenho e a estrutura do cabideiro permaneçam os mesmos por muito tempo. Além disso, seus ganchos e suportes oferecem acesso mais fácil às roupas: podemos retirá-las dali poucos minutos antes de sair de casa, sem maiores complicações. Não precisamos destravar cadeados, abrir gavetas ou desemperrar portas, afinal, as roupas estão ali à nossa disposição: precisou, pegou.

No cabideiro da modernidade líquida, do mesmo modo que é fácil pegar as roupas, também é fácil guardá-las. Seu *design* permite que as diferentes peças sejam “jogadas” por cima umas das outras no dia a dia, conforme forem usadas. Como consequência disso, peças caem no chão, sujam, são danificadas, rasgadas e desfiadas – o que não configura problema algum, afinal, podemos comprar roupas novas. Ora, no cabideiro da modernidade líquida não há nenhuma peça ou objeto tão especial que não possa ser substituído por outro mais moderno e mais arrojado, já que “Nossa sociedade organiza-se em torno do consumo e interpela seus membros para que sejam consumidores” (MOMO, 2015, p.96).

Outra característica dessa organização é que as peças e acessórios se misturam entre si, o que dificulta que identifiquemos a quem pertencem: “De quem é essa blusa? Onde está minha saia? Cadê o par desta meia? Esse *short* é meu ou seu?” Essas perguntas são solucionadas com uma simples decisão: nesse cabideiro – vejam só – o uso das roupas é coletivo. Assim misturamos os conjuntos e experimentamos combinações inovadoras: usamos peças listradas junto de peças floridas, saias com calças, regatas com gravatas, blusas de gola alta com colares. Podemos ainda trocar os pés das meias e desordenar seus pares. Essa flexibilidade nos permite perguntar: “Por que não compartilhamos nossas roupas entre nós? Posso experimentar sua jaqueta? Tenho uma camisa que ficaria linda em você. Use-a quando precisar. Só não se esqueça de pendurá-la no cabideiro após o uso”.

A analogia da modernidade líquida com o cabideiro se deve às características que ambos compartilham. Inovação, criatividade, ambivalência, pluralidade, descartabilidade, flexibilidade, conveniência, superficialidade e o excesso de informações são capacidades que nos ajudam a refletir sobre os indivíduos líquidos-modernos, o modo como se relacionam entre si e o espaço-tempo que ocupam na sociedade. Os indivíduos que vivem

[...] na modernidade líquida apresentam outras formas de interação com o mundo exterior que se distanciam e se diferenciam da modernidade sólida. As formas tradicionais de acesso ao conhecimento, como leitura de livros, análise de quadros de arte são descartados pelos “alunos/as surfistas”. Estes baseiam-se na hiperassimilação de informações, nos quais são descartadas quando não são mais necessárias ou úteis (TERUYA; BALISCEI; NASCIMENTO, 2015, p.120).

Os sujeitos inovam cada vez mais pelo modo como lidam (e pelo maneira como descartam) o conhecimento, os objetos e as pessoas que os rodeiam. São “alunos/as surfistas”, “trabalhadores/as surfistas”, “maridos/esposas surfistas” no sentido de que aproveitam a “onda” momentaneamente. Não precisam (nem devem) se apegar a ela pois, se assim o fizer, perderão a próxima onda e, por isso, serão deixados/as para trás pelos/as demais surfistas. Estarão em desvantagem. Na modernidade líquida no mesmo momento em que determinado produto, relacionamento, sentimento ou sensação “[...] está no topo de sua popularidade, torna-se obsoleto e ultrapassado demais e, por isso, precisa ser substituído por outra novidade” (SOUZA; BALISCEI; TERUYA, 2015, p.361). Ainda que representem momentos distintos, na contemporaneidade, baú trancado, armário grande de madeira maciça e cabideiro inovador coexistem no mesmo espaço, como demonstrado na Figura 2.

Figura 2: Pré-modernidade. modernidade sólida e modernidade líquida. respectivamente.



Fonte: elaboração própria, 2013.

Combinadas, essas maneiras de se organizar e de perceber o mundo caracterizam o pensamento dos indivíduos contemporâneos que apresentam vínculos cada vez mais frouxos e comportamentos cada vez mais incoerentes e desconexos. Nessa metáfora do baú trancado, do armário grande de madeira maciça e do cabideiro, preocupamo-nos especialmente com o último deles, que melhor representa o momento e as identidades culturais (HALL, 2006) com as quais convivemos: a modernidade líquida. Portanto, no tópico a

seguir, discutimos sobre as características das identidades culturais na pré-modernidade e na modernidade sólida para, posteriormente, aprofundarmos as nossas reflexões no que tange às identidades líquidas-modernas.

BAÚS E ARMÁRIOS: COMO SÃO SUAS IDENTIDADES?

Para Kellner (2001) e Hall (2006), na pré-modernidade, na modernidade sólida e na modernidade líquida, as compreensões sobre o termo identidade são diferentes. Kellner (2001) analisa que nas sociedades pré-modernas o conceito de “identidade” não era debatido ou problematizado, mas sim determinado, uma vez que “O indivíduo nascia e morria como membro do mesmo clã, de um sistema fixo de parentesco, de uma mesma tribo ou grupo, com a trajetória de vida fixada de antemão” (KELLNER, 2001, p. 295). Hall (2006) corrobora tais apontamentos ao inferir que, na pré-modernidade, entendia-se que os indivíduos nasciam predeterminados, com um núcleo interior definido, e permaneciam com sua identidade essencialmente fixa e inalterável por toda a vida. Nesta concepção, para ser artista, por exemplo, era preciso nascer com as características, habilidades e “talentos” peculiares ao/à profissional de arte.

No tocante à identidade da modernidade sólida, Hall (2006) destaca suas aproximações com a concepção sociológica. Considerava-se que a interação entre indivíduo e as culturas com as quais ele tinha contato interferia superficialmente nas suas características e na sua identidade. Em outras palavras, admitia-se que a identidade cultural não era “natural” ou independente do meio – ao contrário disso, nessa concepção, compreendia-se que a identidade cultural recebia contribuições das pessoas, lugares, símbolos e culturas com os quais os homens e mulheres estabeleciam relações. Todavia, ainda considerava-se a existência de um suposto “núcleo” interior, que guardava a essência do sujeito. Baliscei, Stein e Chiang (2015) comparam a concepção de identidade sociológica com a construção de um boneco de neve, no sentido de que, em ambos, partes são acrescentadas e somadas à um elemento central - no caso do boneco de neve, uma bola de neve inicial, no caso da identidade, uma suposta essência do indivíduo. Assim, à medida que os sujeitos ampliavam os seus conhecimentos e sua comunicação com culturas exteriores, o seu “eu real” – a sua identidade – se modificava paulatinamente. A identidade não era mais vista como “autosuficiente”, mas como um elemento de interação entre o “eu real” e a sociedade na qual ele convive (HALL, 2006).

Kellner (2001) denomina como moderna a concepção de identidade cujas periferias são maleáveis e sofrem alterações e cujo centro, a essência, permanece inatingível. O autor analisa que, durante a modernidade sólida, a compreensão que se tinha sobre a identidade referia-se ao modo como nos apresentávamos e éramos percebidos/as e interpretados/as por nós mesmos/as e pelos/as outros/as. Assim, a concepção sociológica (HALL, 2006) e a moderna (KELLNER, 2001) de identidade se aproximam pela ênfase no contato e nas trocas culturais que ocorrem entre os indivíduos e pela compreensão de uma essência identitária inalterável.

Até este ponto, podemos distinguir a concepção de identidades pré-moderna e sólido-moderna da seguinte forma: na primeira, as identidades são enxergadas como elementos pre-determinados pelo biológico e, nesse sentido, não podem ser questionadas, modificadas e nem mesmo desestabilizadas. Caberia ao indivíduo aceitar a sua “natureza identitária” e aprender a lidar com as dificuldades e benefícios que ela lhe proporciona; na segunda, aceita-se que o contato e a troca com culturas diferentes interferem no modo como os indivíduos agem e organizam os seus pensamentos. Aprendemos com o/a outro/a e, por isso, somos modificados/as por eles/as. No entanto, guardamos conosco a essência de nossa identidade. Tal núcleo duro não poderia ser atingido, tocado e, por isso, permaneceria intacto e inviolável.

Sabendo que, em muitos sentidos, os valores e costumes da modernidade líquida se distanciam daqueles almejados na pré-modernidade e na modernidade sólida, questionamo-nos: Como são as identidades dos indivíduos modernos-líquidos? Quais são os valores que balizam as ações e comportamentos daqueles/as que, como um cabideiro, organizam a sua vida de modo flexível e ambivalente?

SOBREPOSTAS E PENDURADAS EM CABIDES: IDENTIDADES LÍQUIDO-MODERNAS

Hall (2012) considera que na modernidade líquida o termo identidade está sob rasura⁵. Isso implica dois fatos: o primeiro é que a palavra identidade possui um significado original, porém esse não se aplica mais, não é mais conveniente ou adequado para se pensar; e o segundo é que não existem outros conceitos que possam substituir o significado original. Parece que o conceito de identidade está em transição ou “[...] no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chaves não podem ser sequer pensadas” (HALL, 2012, p.104).

Hall (2006) infere que na modernidade líquida as concepções ou modos de enxergar as identidades estão em declínio. Para o autor, atualmente a concepção que se tem sobre as identidades são diferentes daquelas constituídas e valorizadas na pré-modernidade e na modernidade sólida, sobretudo, por dois aspectos: 1 – as identidades são constituídas sucessivamente, sendo costuradas e sobrepostas mais pelos fatores culturais e sociais do que pelos biológicos e genéticos; e 2 – os indivíduos não apresentam mais uma única identidade, fixa e estável –ao contrário, na modernidade líquida a identidade é vista como uma celebração móvel, ambivalente, fraturada e fragmentada em várias identidades que, inclusive, podem ser incompletas, multifacetadas, não resolvidas e até mesmo opostas entre si. No momento em que se formam, já se transformam. Nesse sentido, a identidade completa, coerente e compreensível “[...] é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13), ou “[...] um mito e uma ilusão” (KELLNER, 2001, p. 298).

Tais argumentos incentivam-nos a fazer uso da palavra “identidades” no plural, para que sejamos coerentes com a condição líquido-moderna e com as múltiplas identidades que uma mesma pessoa pode assumir. Para Silva (2006), os abalos que desequilibraram as concepções hegemônicas favoreceram essa condição, assim como a crise de identidades que oferece manutenção ao *status quo*.

⁵ “Estar sob rasura” é representado pelo símbolo de duas linhas cruzadas (X) (HALL, 2012).

Novas identidades sociais emergem, identidades reprimidas se rebelam, se afirmam, colocando em questão, deslocando a identidade unificada e centralizada do indivíduo moderno: macho, branco, heterossexual... Mudanças estruturais alteraram radicalmente a paisagem cultural em que essa identidade reinava soberana, assentada numa localização aparentemente firme e segura (SILVA 2012, p. 83).

Kellner (2001) menciona como exemplo de identidade líquida o cantor e dançarino norte-americano Michael Jackson (1958-2009), que se movimenta entre fronteiras: em seus vídeos ora ele aparece negro, ora branco; ora adulto maduro e responsável, ora criança indefesa; em algumas cenas é másculo e, em outras, é feminino. Para o autor, as identidades líquidas são ambivalentes, pois, como no caso de Michael Jackson, propiciam aos indivíduos maior liberdade de agir sobre as suas próprias vidas, mudando constantemente, conforme lhes for conveniente, sem exigir que se classifiquem, mas, ao mesmo tempo desencadeiam ações, relacionamentos e estilos dependentes das tendências da moda e da publicidade.

Houve um tempo em que identidade era aquilo que se era, aquilo que se fazia, o tipo de gente que se era: constituía-se de compromisso, escolhas morais, políticas e existenciais. Hoje em dia, porém, ela é aquilo que se aparenta, a imagem, o estilo e o jeito como a pessoa se apresenta. E é a cultura da mídia que cada vez mais fornece material e recursos para a constituição das identidades (KELLNER, 2001, p. 333).

Dessas palavras, podemos inferir que Kellner (2001) faz menção, respectivamente, aos atributos da concepção de identidade que se tinha na modernidade sólida e aos atributos imputados às identidades líquidas, uma vez que a primeira se caracteriza pela linearidade, rigidez e autenticidade e a segunda, pela flexibilidade e descartabilidade e pelo embaçamento de fronteiras.

Para reforçar o declínio da concepção das identidades como sendo unificadas e estagnadas e a emergência das concepções que as veem como celebrações móveis (HALL, 2006) ou em crise (HALL; 2006; SILVA; 2012), a seguir, explicitamos o uso de duas metáforas que nos auxiliam na problematização das identidades líquido-modernas.

“CRIAR RAÍZES”, “LANÇAR ÂNCORAS” E OUTROS MOVIMENTOS IDENTITÁRIOS

Bauman (2010) destaca que a primeira metáfora, “criar raízes”, já não é adequada para representar ou simbolizar as identidades, pois implica ato irreversível, único e definitivo, uma vez que ao “criar raízes” em algum lugar, a planta torna-se pertencente a esse lugar. O autor sugere que, ao invés disso, experimentemos pensar nas identidades como o “lançar âncora”, com base em dois argumentos. O primeiro deles é que, ao contrário de “criar raízes”, “lançar âncora” não é uma ação definitiva, pois quando arrancadas do chão, as raízes não podem mais absorver nutrientes, e assim as plantas murcham e, posteriormente, morrem. A âncora, por outro lado, pode ser retirada várias vezes do chão sem implicar diretamente prejuízo aos/às passageiros/as do barco – ao contrário, quando içamos âncora, logo pensamos em lançá-la em outros portos.

O segundo argumento é que a raiz representa uma parte elementar da planta que, inclusive, determina seu alicerce biológico, excluindo as demais formas e desenhos que a planta possa apresentar. Contrapondo-se a isso, a âncora pouco interfere na estrutura de um barco. Ela é uma espécie de acessório que pode ser substituído e removido conforme o desejo dos/as interessados/as. É tão fácil adquiri-la quanto o é abandoná-la.

Pensando assim, o “lançar âncora” permite enxergar as identidades como elementos passageiros, efêmeros, substituíveis, flexíveis e sucessíveis, como demonstra a Figura 3. A imagem é uma criação de Vladimir Kush (1965–), artista russo conhecido por suas temáticas inusitadas e surreais e por frequentemente trocar alguns elementos por outros. A composição em questão apresenta um navio indo em direção ao mar. No canto direito percebemos figuras humanas que acenam com bandeiras coloridas, como se estivessem se despedindo, festejando a partida e aventura iminente dos/as tripulantes. A nossa interpretação da composição intitulada *Partida do navio alado* vai ao encontro da metáfora sugerida por Bauman (2010), pois, além de retratar a relação de chegada e partida como sendo ações provisórias, representa a metamorfose de características e destinos. Observamos que nessa pintura, Kush também exercita sua característica de trocar elementos: ao invés de velas de tecidos, o navio é guiado por borboletas, símbolo da transformação e efemeridade.

Figura 3: *Partida do navio alado*, de Vladimir Kush.



Fonte: <<http://www.estranhomasverdade.com/forum/index.php?topic=8973.195>>. Acesso em 15 mar. 2015.

Assim como os barcos e navios içam e lançam âncoras e atracam em portos distintos, repetidas vezes também “[...] os Eus se submetem [...] nessa busca de reconhecimento e confirmação de identidade que dura a vida inteira” (BAUMAN, 2010, p. 39). Com essa analogia, compreendemos as identidades como alegorias móveis que, como os barcos, vêm e vão conforme a necessidade, gosto, ou conveniência daqueles/as que estão a bordo. Além disso, assim como as borboletas de diferentes cores e tamanhos da composição de Kush, as múltiplas identidades que (co)existem são sobrepostas e se combinam em um mesmo indivíduo.

Diferentemente da modernidade sólida, quando algumas características dos indivíduos excluía outras, como se fossem binários opostos e adversários, na modernidade líquida se dá menos valor ao maniqueísmo intrínseco à palavra “versus” (como em heterossexual *versus* afeminado/a ou loiro/a *versus* negro/a). Sobre isso, Hall (2003) infere que perceber as diferenças como fatores mutuamente excludentes e opostos entre si é pensar a partir de “ou(s)” (ou se é heterossexual ou se é afeminado/a; ou se é loiro/a ou se é negro/a) ignorando as demais possibilidades de intersecções, combinações e mestiçagem entre essas características. Na modernidade líquida, ao contrário dos “ou(s)”, destaca-se a conjunção “e”, que indica acréscimo e adição. Permite-nos somar. Ora as possibilidades de ser não se esgotam nas classificações “ou loiro/a ou negro/a” e, por isso podem ser hibridizadas em uma relação não de exclusão, mas de soma: “negro/a e loiro/a”. O autor justifica essa hibridização de identidades pela intensa exposição às informações culturais proporcionada pelos meios de comunicação e pelo contato entre culturas, fatores que ampliam as representações sociais, multiplicando as possibilidades de nos identificarmos e nos reconhecermos.⁶

Disso, inferimos que a quantidade e a rapidez das informações veiculadas contribuem para que homens e mulheres líquido-modernos/as apresentem não mais uma única identidade estável, determinada e rígida, mas um “eu performativo” (HALL, 2012), que é o resultado de uma multiplicidade de identidades. Bauman (2013b) afirma que utilizamos as nossas identidades assim como usamos as nossas camisas: quando não nos servem mais ou quando não estão mais na moda, são descartadas e substituídas por outras que nos são mais convenientes.

Além disso, também a diferença assume papel significativo na constituição das identidades líquido-modernas, porque só percebemos o que somos quando estamos diante do/a “outro/a”, isto é, daquele/a que é diferente de nós. “O/a “outro/a” se torna vital para a constante formação das identidades” (BALISCEI; TERUYA; STEIN, 2015, p. 91). Silva (2006; 2012) nos ajuda a entender a identidade e a diferença como elementos inseparáveis e dependentes, sendo a primeira uma positividade e a segunda uma negatividade.⁷ Conforme o autor, quando dizemos “somos brasileiros/as”, dizemos aquilo que somos e negamos outras possibilidades de ser, por exemplo, “não somos chineses/as, não somos italianos/as, não somos alemães/ãs, não somos portugueses/as”. O que somos é inseparável daquilo que não somos. Em suas palavras, “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2012, p. 79).

⁶ Com base em Hall (2012), entendemos a identificação não como um processo naturalizado de simples reconhecimento de características em comum que podem ser descartadas ou acrescentadas, mas como um percurso sempre incompleto e em constante formação.

⁷ Vale ressaltar que não utilizamos os termos positividade e negatividade como sinônimos de benefício e prejuízo, respectivamente, mas sim, de afirmação (o que somos/temos) e de negação (o que não somos/temos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta reflexão, pré-modernidade, modernidade sólida e modernidade líquida são problematizadas quando comparadas com “modos de guardar ou organizar roupas”. Com isso, a nossa intenção foi a de apresentar e discutir sobre os atributos desses momentos distintos, assim como ressaltar as características identitárias dos sujeitos que neles viveram/vivem. Nessa perspectiva, pré-modernidade, modernidade sólida e modernidade líquida foram relacionadas, respectivamente, com baús trancados, com armários grandes, de madeira bruta e com cabideiros inovadores.

Assim como as roupas e objetos guardados nos baús trancados eram inacessíveis, e não podiam ser reorganizados pelas pessoas que não tinham a chave, na pré-modernidade, as identidades eram determinadas por sua condição social e por fatores biológicos que determinavam o espaço e o papel que cada indivíduo exerceria junto à coletividade. Tendo nascido homem, negro e em família pobre, por exemplo, o sujeito desempenharia, junto aos seus semelhantes, as funções que estavam destinadas aos homens-negros-pobres, assim como apresentaria comportamentos, pensamentos e aptidões “próprias” desse grupo.

Em armários grandes, de madeira bruta, as roupas são divididas por cores, funcionalidades e frequências de uso. Tudo tem o seu lugar exato e uma coisa não pode/deve ser misturada com outra coisa. De modo semelhante, o pensamento sólido-moderno classifica as identidades, segregando-as e buscando a ordem e a homogeneização. Admite-se que as identidades se constituem conforme o contato com o/a diferente, no entanto, compreende-se que os indivíduos possuem um “núcleo duro” que “guarda” a essência identitária, supostamente inatingível e inflexível.

Semelhante aos cabideiros inovadores, a modernidade líquida oferece flexibilidade e polivalência aos papéis, espaços e funções que um mesmo indivíduo pode desempenhar. Nessa lógica, não há delimitações, contornos ou proibições no que tange à constituição identitária. Ao contrário disso, exploram-se ao máximo os diferentes modos de ser, valorizando as diferenças e as múltiplas combinações que podem resultar do contato com o novo.

O que nos interessa nesta discussão sobre identidade e diferença na modernidade líquida é tornar compreensível que, além de serem dependentes uma da outra, ambas não são elementos naturalizados, ou seja, não são elementos que sempre existiram e que por isso precisam ser tolerados e respeitados – ao contrário, são resultados da criação social. Elas são produzidas por meio de ações e contextos culturais e, por isso, não são elementos dados, naturais e inalteráveis, mas sim, reflexo de determinada sociedade e cultura. Por meio dos movimentos sociais e culturais é que constituímos as identidades e as diferenças. Quando damos voz, imagem, gestos, sons e corpo aos nossos pensamentos, buscando modos para explicitá-los, reafirmamos aspectos de nossas identidades, ao mesmo tempo em que expomos quais são as características que não nos constituem como indivíduos, chamadas aqui de diferença.

REFERÊNCIAS

- BALISCEI, João Paulo. STEIN, Vinícius; CHIANG, Chih Wei. Marcas na pele: Reflexões sobre tatuagem, identidade e escolarização pós-moderna. **Revista digital do LAV**, Santa Maria, v.8, n.3, p.28-47, set./dez. 2015. Disponível em <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/19673>>. Acesso em 14 de mar. de 2016.
- BALISCEI, João Paulo; TERUYA, Teresa Kazuko; STEIN, Vinícius. Como “ser homem”? Investigando discursos sobre masculinidades. **Revista digital do LAV**, Santa Maria, v.8, n.4, p.88-104, jan./abr.2015.
- BAUMAN, Zygmund. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2007, 119p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, 92p.
- BAUMAN, Zygmund. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2013a, 111p.
- BAUMAN, Zygmund. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2013b, 131p.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Mari-sa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação**, 3. ed., Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p.103-127.
- GATTI, Bernadete A. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais. **Eccos Revista Científica**, vol. 1, n. 1, dezembro, 1999, p. 63-79.
- GATTI, Bernadete A. Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v. 35, n. 126, dez., 2005, p. 595-608. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a04n126.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- GIROUX, Henry. A dysneização da cultura infantil. In: Silva, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 41-81.
- GIROUX, Henry. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Shirley R. Steinberg, Joe L. Kincheloe (Orgs.). Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 89-108.
- GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 129-154.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, 1997, p. 15-46.

HALL, Stuart. Que “Negro” é esse na Cultura Negra? In: HALL, Stuart. **Dadiáspora**. Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 335-349.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 64 p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), 12 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 103-133.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001, 451p.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 101-127.

MOMO, Mariângela. Infância e escola no espaço-tempo do consumo. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMAN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais educação**: contingências, articulações, aventuras, dispersões. Canoas: Ed. ULBRA, 2015a, p. 93-114.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.158-189.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular/ Tomaz Tadeu da Silva, 1.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 120p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), 12 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 73-102.

SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de vista**, n.5, p. 37-49, 2003.

SOUZA, Michely Calciolari; BALISCEI, João Paulo; TERUYA, Teresa Kazuko. Representações visuais na modernidade líquida: o que os manequins falam de nós? **Revista Educação da UFSM**, Santa Maria, v. 40, n. 2, p. 361-374, mai./ago. 2015.

TERUYA, Teresa Kazuko; BALISCEI, João Paulo; NASCIMENTO, Mariana Costa do. Trabalho docente na Modernidade Líquida: O Prezi no processo ensino e aprendizagem dos/as “alunos/as surfistas”. **Revista Contrapontos**, v.15, n.1, p.111-121, jan./abr.2015.

Submetido em: 26-5-2015

Aceito em: 17-2-2016